

## PATRIMÔNIO EM DIÁLOGO: ARQUEOLOGIA PÚBLICA E COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA NO LAEE-UEM

*HERITAGE IN DIALOGUE: PUBLIC ARCHAEOLOGY AND MUSEOLOGICAL  
COMMUNICATION AT LAEE-UEM*

Leilane Patricia de Lima<sup>1</sup>; Lúcio Tadeu Mota<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Maringá - UEM. E-mail: [lplima@uem.br](mailto:lplima@uem.br); <sup>2</sup>Universidade Estadual de Maringá - UEM. E-mail: [ltmota@uem.br](mailto:ltmota@uem.br)

**RESUMO:** O projeto de extensão “Patrimônio em Diálogo: Arqueologia Pública e Comunicação Museológica no LAEE-UEM” surgiu da necessidade de aproximar a universidade da comunidade local e regional, por meio da valorização do patrimônio arqueológico e da democratização do acesso ao conhecimento científico. Coordenado pelos docentes Leilane Patricia de Lima e Lúcio Tadeu Mota, o projeto está em fase inicial e é desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá (LAEE-UEM). Seu objetivo principal é promover o diálogo entre o conhecimento científico em arqueologia e a sociedade, utilizando estratégias de comunicação museológica e práticas de arqueologia pública. As atividades previstas incluem exposições, oficinas educativas, monitorias e a criação de uma reserva técnica visitável, com acervos indígenas — arqueológicos, etnográficos e artísticos — aberta ao acesso público. Todas as ações são protagonizadas por discentes indígenas e não indígenas da graduação e da pós-graduação, dos cursos de História e Geografia da UEM. A proposta reforça a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão ao engajar os estudantes em processos formativos práticos e reflexivos, conectando-os às demandas sociais e aos debates contemporâneos sobre patrimônios e memórias. Assim, o projeto pretende reafirmar o papel social da universidade pública e destacar a participação ativa e a escuta como fundamentos essenciais das práticas extensionistas.

**Palavras-chave:** Arqueologia Pública; Comunicação Museológica; Patrimônio Arqueológico; Extensão Universitária.

**ABSTRACT:** The extension project “Heritage in Dialogue: Public Archaeology and Museum Communication at LAEE-UEM” arose from the need to bring the university closer to the local and regional community by promoting archaeological heritage and democratizing access to scientific knowledge. Coordinated by professors Leilane Patricia de Lima and Lúcio Tadeu Mota, the project is in its initial phase and is being developed by the Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá (LAEE-UEM). Its main objective is to promote dialogue between scientific knowledge in archaeology and society, through museum communication strategies and public archaeology practices. Planned activities include exhibitions, educational workshops and the creation of a visitable technical reserve with indigenous archaeological, ethnographic, and artistic collections open to the public. All actions are led by indigenous and non-indigenous undergraduate and graduate students from the History and Geography courses at UEM. The proposal reinforces the inseparability of teaching, research, and extension by engaging students in practical and reflective training processes, connecting them to social demands and contemporary debates on heritage, memory, and identity. Thus, the project reaffirms the social role of public universities and highlights active participation and listening as essential foundations of extension practices.

**Keywords:** Public Archaeology; Museum Communication; Archaeological Heritage; University Extension.

## INTRODUÇÃO

A extensão universitária é uma das áreas mais comprometidas com a manutenção de vínculos entre a universidade e a sociedade. Do ponto de vista institucional, representa o compromisso com a democratização do ensino, a popularização do conhecimento científico e a valorização dos saberes populares (Gadotti, 2017). Na perspectiva dos estudantes, deve se concretizar como prática, aprendizado, troca e construção conjunta com a realidade do entorno (MEDEIROS, 2017).

O exercício da docência na universidade permite transformar o potencial da extensão em projetos que buscam reduzir os abismos entre o saber acadêmico e a sociedade. Também contribui para a formação de profissionais conscientes e críticos quanto ao seu papel social. Nesse contexto, este texto apresenta, a partir de um relato de experiência, os primeiros passos do projeto de extensão que coordenamos: “Patrimônio em Diálogo: Arqueologia Pública e Comunicação Museológica no LAEE-UEM” (Processo 1474/2025), desenvolvido no Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá.

Diante de ameaças à integridade dos ecossistemas e à preservação do patrimônio cultural brasileiro, comunicar a arqueologia e o patrimônio arqueológico torna-se um dever dos profissionais da área. A dimensão social da arqueologia é abordada principalmente no campo da Arqueologia Pública, cuja essência se manifestava no Brasil antes mesmo da década de 1970, em ações de intelectuais como Paulo Duarte e José Loureiro Fernandes<sup>1</sup>.

A Arqueologia Pública trata da comunicação e divulgação do conhecimento arqueológico e da construção coletiva de saberes sobre o passado. Busca equilibrar diferentes narrativas, percepções e interesses no universo patrimonial, com práticas aplicadas em museus, escolas, universidades, comunidades e centros culturais. Os públicos com os quais dialoga incluem moradores locais, jornalistas, ambientalistas, comunidades tradicionais, profissionais de museus entre outros.

Destacamos o museu como espaço privilegiado para as práticas de Arqueologia Pública. Reconhecidos como guardiões de acervos, os museus conectam a arqueologia à sociedade e atuam na produção, circulação e comunicação do

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto, consultar: ALCANTÂRA, 2008 e LIMA, 2014.

conhecimento arqueológico. Nesse cenário, ganham destaque as discussões sobre a musealização da arqueologia. O termo pode ser compreendido sob diferentes perspectivas, entre as quais se destaca um conjunto de procedimentos metodológicos e técnicos (curadoria de acervos) que aproximam duas disciplinas — a arqueologia e a museologia. Essa articulação também se estende a outras esferas de integração, envolvendo não apenas distintos campos do saber, mas também instituições federais responsáveis pela gestão do patrimônio cultural no Brasil, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Os bens arqueológicos são protegidos pelo IPHAN e pela Lei Federal nº 3.924/1961, e sua musealização pode ocorrer de duas formas: *in situ*, com preservação do sítio no local original; ou por meio da transferência dos materiais para instituições museológicas, com aplicação de procedimentos técnico-científicos para sua salvaguarda e comunicação.

Essa segunda forma de musealização envolve uma cadeia operatória curatorial, iniciada ainda no planejamento dos projetos de pesquisa. Ana Paula da Rosa Leal (2014), ao abordar o assunto, indica que a musealização envolve ações técnicas e científicas como aquisição, documentação, conservação e ações educativas. Vasconcelos e Alcântara (2017), destacam a complexidade e as particularidades desse processo, sob a ótica da gestão de acervos. Segundo as autoras, a curadoria aplicada a acervos arqueológicos difere de outras tipologias de bens, sobretudo em quatro aspectos: pela fragilidade dos materiais, em razão da ruptura ambiental causada pelo trabalho de campo; pela diversidade material dos artefatos; pela presença de informações e documentos associados aos objetos; e pelo fato de que se inicia no planejamento do projeto de pesquisa arqueológica (seja acadêmico ou vinculado ao licenciamento ambiental), e não nas instituições de salvaguarda.

Nesse contexto, destaca-se o papel do LAEE-UEM. Embora não seja um museu, é uma das Instituições de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos (IGP)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Segundo o IPHAN, as Instituições de Guarda e Pesquisa de Bens Arqueológicos (IGP's) são locais reconhecidos pelo órgão federal do patrimônio e capazes de conservar, proteger, estudar e promover a extroversão dos bens arqueológicos, atendendo ao trinômio pesquisa, conservação e socialização. Mais sobre o assunto, consultar: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico/instituicoes-de-guarda-e-pesquisa>. Acesso em outubro de 2025.

mais atuantes do Paraná<sup>3</sup>, reconhecida pelo IPHAN. O LAEE realiza curadoria de acervos provenientes de pesquisas acadêmicas e de licenciamento ambiental, com práticas que integram documentação, conservação e ações educativas voltadas à valorização do patrimônio arqueológico. Além disso, promove o diálogo com diversos públicos, fortalecendo os vínculos entre arqueologia, sociedade, patrimônio e memória.

## **METODOLOGIA**

O projeto de extensão “Patrimônio em Diálogo” tem como objetivo implementar, de forma contínua, um programa de Arqueologia Pública no LAEE-UEM. Esse programa será composto por ações e produtos voltados à comunicação do conhecimento arqueológico, visando à valorização do passado, da memória e do patrimônio arqueológico. Para isso, o projeto fundamenta-se nas áreas de conhecimento das Ciências Humanas (arqueologia) e Ciências Sociais Aplicadas (museologia), bem como nas áreas temáticas da Cultura e da Comunicação. Seu eixo teórico-metodológico principal baseia-se nas discussões dos campos disciplinares da Arqueologia Pública e da Comunicação Museológica.

De um lado, a Arqueologia Pública tem se dedicado a estudar e compreender as múltiplas relações entre a arqueologia e a sociedade, com o intuito de melhorar a coexistência entre ambas e transformar a arqueologia em uma disciplina mais comprometida, consciente de seu impacto, eficiente, útil e próxima da sociedade (Almansa Sánchez, 2010, 2011). De outro, a Comunicação Museológica compreende os museus como espaços, agentes e meios de comunicação, nos quais exposições e ações educativas são vistas como produtos comunicacionais específicos, inseridos em modelos cada vez mais dialógicos, interativos, participativos e colaborativos (Cury, 2005). Destaca-se, ainda, o novo papel do público nesse processo, que deixa de ser mero receptor e passa a atuar como agente ativo, interpretando e ressignificando as mensagens recebidas conforme seus contextos sociais (Cury, 2004).

A integração entre Arqueologia Pública e Comunicação Museológica oferece subsídios importantes para o fortalecimento das práticas extensionistas. Ao propor formas de engajamento mais participativas, essas abordagens contribuem para

---

<sup>3</sup> Sobre a criação e atuação do LAEE ver: MOTA, 1998; NOELLI, SILVA, MOTA, 2000; MOTA, 2009; LUCIANO, 2021; MOTA, MACELLA, GARCIA, 2022.

romper com modelos unidirecionais de difusão do conhecimento científico, valorizando o envolvimento das comunidades na preservação e gestão do patrimônio arqueológico. O projeto busca, assim, conhecer seus públicos, compreender suas percepções sobre a arqueologia e o patrimônio material, propor ações educativas e comunicacionais contextualizadas e reconhecer o patrimônio arqueológico como elemento ativo da memória local e regional.

A metodologia do projeto de extensão fundamenta-se na construção coletiva e participativa de ações e produtos comunicacionais que promovam a valorização do patrimônio arqueológico e fortaleçam vínculos entre o conhecimento arqueológico e a sociedade. Adota-se uma abordagem qualitativa, pautada em metodologias ativas e dialógicas, priorizando a escuta, a colaboração e o envolvimento efetivo dos discentes e da comunidade externa nos processos de produção e ressignificação do conhecimento arqueológico.

As etapas metodológicas do projeto são organizadas da seguinte forma:

1. Formação inicial da equipe extensionista, com reuniões de planejamento e definição dos eixos temáticos;
2. Leituras e discussões bibliográficas orientadas, com base em referenciais teóricos da Arqueologia Pública e da Comunicação Museológica;
3. Elaboração de questionários virtuais para mapeamento e caracterização dos públicos-alvo e dos públicos potenciais, especialmente para serem aplicados na comunidade interna e externa (no entorno da universidade);
4. Levantamento de conteúdos relevantes, a partir dos acervos arqueológicos sob guarda do LAEE-UEM e das demandas identificadas nos encontros com os alunos e com a comunidade externa;
5. Proposta de criação de produtos comunicacionais, sobretudo exposições temporárias e itinerantes;
6. Realização de palestras, oficinas e visitas mediadas, tanto no espaço do laboratório quanto em instituições parceiras;
7. Avaliação participativa das ações, com registros de feedback dos públicos atendidos e observações das ações realizadas.

Como projeto de extensão universitária, busca-se, por um lado, promover a participação ativa dos discentes como protagonistas em todas as etapas,

proporcionando experiências formativas que integram ensino, pesquisa e extensão. Entre leituras orientadas e atividades práticas, os alunos planejam, organizam e executam as ações propostas. Por outro lado, as práticas desenvolvidas favorecem a interação direta e contínua com diferentes públicos, por meio de escutas ativas, diálogos participativos e estratégias de mediação. A equipe procura identificar interesses, percepções e conhecimentos prévios dos participantes, assegurando que as ações estejam alinhadas aos contextos culturais e educacionais envolvidos.

Essa participação ativa contribui para o desenvolvimento de uma postura crítica quanto à atuação como cidadãos e futuros profissionais. Portanto, a proposta metodológica do projeto está alinhada aos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, conforme estabelecido pelas Resoluções 034/2017-CEP e 029/2021-CEP da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Até o momento, o projeto de extensão “Patrimônio em Diálogo” conta com a participação de 16 estudantes, sendo 14 da graduação e 2 da pós-graduação (mestrado). Uma das decisões importantes do projeto foi a criação de sua logomarca, que incorpora a imagem da Tulha — edifício da UEM que abriga parte do Laboratório de Arqueologia (ver Figuras 1 e 2). A outra parte do laboratório, incluindo a reserva técnica, está situada em um prédio adjacente.

A Tulha é um antigo depósito de café, originalmente pertencente à Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Foi desmontada em seu local de origem — uma antiga fazenda da Companhia — e reconstruída no campus da UEM, com adaptações que permitiram sua adequação à nova função. A edificação, construída em madeira, teve suas características arquitetônicas externas preservadas. Possui área útil de 265 m<sup>2</sup>, distribuída entre depósito, biblioteca, salas de pesquisadores, secretaria e sala de reuniões/aulas.

Figura 1 – Tulha, sede do LAEE-UEM



Imagem: Marcio Augusto Uliana Macella, 2018.

Figura 2 – Logomarca do projeto de extensão



Fonte: Os autores.

Mesmo antes do início oficial da vigência do projeto (julho de 2025), o LAEE retomou o agendamento de visitas da comunidade interna e externa da UEM. Iniciou-se, assim, um processo de escuta ativa e atendimento a diversos públicos-alvo, como alunos da graduação (da sede e dos campi regionais), profissionais de museus, pesquisadores, membros da comunidade escolar e pessoas idosas. Os visitantes foram recebidos e conheceram os espaços do LAEE nos dois edifícios.

Com o início formal das atividades, o primeiro resultado concreto do projeto foi a proposta de criação de uma reserva técnica visitável, atualmente em fase de implementação em duas salas da Tulha. A proposta é que o laboratório continue com sua reserva técnica principal, mas que, simultaneamente, tenha um local específico e mais adequado para receber e acolher públicos diversos. Nesses espaços, os mobiliários expositivos anteriormente utilizados para armazenamento de livros passam por processos de esvaziamento, higienização e restauração.

Reservas técnicas são, em geral, áreas de museus ou Instituições de Guarda destinadas ao acondicionamento, conservação e preservação de itens musealizados que não estão em exposição. Ao transformar uma reserva técnica em espaço visitável, com acesso controlado, busca-se equilibrar a segurança e a conservação dos acervos com sua comunicação pública. Nesse processo, objetos e conhecimentos científicos que antes permaneciam guardados e restritos ao público são trazidos à luz de forma planejada.

No cenário nacional, as reservas técnicas estão se tornando, cada vez mais, espaços de ações comunicacionais e educativas voltadas a diversos públicos, algo que reforça o papel dos museus e laboratórios universitários como espaços que têm papel social e educativo, sem, contudo, negligenciar a segurança, a conservação e a preservação dos objetos que estão sob sua salvaguarda. Essas reservas podem ser acessíveis ao público (visitáveis) ou apenas observáveis à distância (visíveis), integradas ou não ao percurso expositivo, com caráter permanente ou temporário. Algumas são concebidas originalmente com essa finalidade, enquanto outras foram posteriormente adaptadas para esse fim. As visitas podem ser acompanhadas por mediação/monitores ou ocorrer de forma independente (Oliveira, Gruzman, 2019, p. 7).

Nessa mesma direção, reservas técnicas – visitáveis ou visíveis – dedicadas à temática da arqueologia são cada vez mais comuns no Brasil. Entre elas, destaca-se a Reserva Técnica Visitável – Arqueologia Amazônica<sup>4</sup> do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Há, também, a Reserva Técnica Visível do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert, vinculada ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá e criada a partir de um movimento tanto dos membros do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto quanto da própria comunidade (Pereira, 2017). Ademais, vale destacar a proposição da criação de uma reserva técnica e laboratório visitáveis do acervo do Laboratório de Arqueologia para Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pernambuco (LACOR-UFPE), em um espaço denominado Núcleo de Visitação da Universidade Federal de Pernambuco – NUVIS – UFPE (Santos et al., 2020).

A partir desses exemplos e tendo um projeto de extensão centrado na Arqueologia Pública e na Comunicação Museológica, a conversão de duas salas

---

<sup>4</sup> Mais sobre o assunto, consultar: <https://mae.usp.br/reserva-tecnica-visitavel-arqueologia-amazonica/>

subutilizadas em uma reserva técnica visitável contribui de duas formas principais: promove a construção do conhecimento de forma mais participativa; e permite que as reservas técnicas deixem de ser vistas como "bastidores" da arqueologia, ganhando protagonismo na relação entre o público e o patrimônio arqueológico. Essa iniciativa garante o acesso às coleções sem comprometer sua conservação (Pereira, 2017, p. 70).

Além da reserva técnica, outra proposta dos estudantes é transformar um espaço externo, no entorno da Tulha, em um sítio arqueológico simulado, onde possam ser realizadas escavações experimentais. A iniciativa está entre os próximos passos do projeto e se baseia em experiências anteriores, entre as quais se destaca uma conduzida por um dos autores deste artigo em sua tese de doutorado (Lima, 2014). Na oportunidade, a autora desenvolveu, em uma escola da rede municipal de Londrina, no estado do Paraná, uma ação arqueológica educativa que consistiu no estudo das ideias prévias do público escolar, intervenção pedagógica, com atividades voltadas à orientação temporal e espacial e à diversidade cultural, e estudo das ideias pós-intervenção. A intervenção pedagógica foi composta por quatro módulos: tempo, espaço, arqueologia e diversidade indígena. No módulo arqueologia, em uma das atividades, foi simulado um sítio arqueológico na escola (com diferentes ambientes: área de cozinha, área de indústria lítica, área de sepultamento etc.).

Mais uma experiência de sítio arqueológico simulado que ajuda a pautar nossas decisões e ações é a exposição interativa "Que sítio é este?", promovida pela equipe do Museu Antares de Ciência e Tecnologia (MACT), vinculado à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Essa proposta educativa e extensionista, conduzida pela equipe de um museu universitário, busca integrar conhecimentos da arqueologia, da educação científica e da mediação em museus, oferecendo aos participantes a chance de vivenciar processos de investigação semelhantes aos usados por profissionais da área. Ao realizar atividades como escavar, analisar, registrar e interpretar vestígios culturais, os estudantes assumem um papel ativo na construção do conhecimento (Amoedo; Machado; Souza, 2025, p. 2).

Para além dos dois produtos comunicacionais propostos, até o momento as ações e os resultados concretos observados desde o início do projeto (julho de 2025) incluem:

- Leitura e discussão de artigos sobre extensão universitária, reservas técnicas, museus, educação patrimonial e museus indígenas;
- Criação de canais de comunicação com o público (Instagram e e-mail). O Instagram do projeto conta atualmente com quase 100 seguidores;
- Desenvolvimento de artes gráficas para divulgação das ações;
- Atendimento orientado a profissionais de museus e pesquisadores participantes do Quinto Encontro Nacional da Associação Brasileiro de Centros e Museus de Ciências, que aconteceu na Universidade Estadual de Maringá, em agosto de 2025;
- Atendimento orientado a alunos da equipe de Robótica do Sesi Londrina para o desenvolvimento de produto relacionado à nova temporada da FLL (First Lego League);
- Atendimento orientado a alunos da Universidade da Terceira Idade (UNATI-UEM);
- Organização de um evento de extensão (palestra sobre fotogrametria na conservação e comunicação de acervos arqueológicos), que contou com a participação de 60 pessoas, online e presencialmente;
- Realização de 6 oficinas educativas com a presença de 150 alunos da rede pública municipal de Floresta-PR;
- Elaboração de proposta expositiva temporária denominada “Do Objeto ao Som, do Papel ao Verso: Os diferentes suportes da linguagem na História”, que se conecta a outros dois projetos de extensão universitária na UEM.

De tudo o que foi produzido até o momento, acreditamos causar impactos positivos, tanto nos grupos que atendemos quanto na formação dos alunos que atuam nas práticas extensionistas. E, para nós, o retorno é satisfatório e tem sido registrado a partir de depoimentos orais e publicações mediadas pela internet. Em uma dessas publicações, o grupo de alunos atendido no âmbito da iniciativa agradece à equipe e relata ter sido a melhor experiência que já vivenciaram. Uma das integrantes da equipe também destacou que, para ela, tem sido uma vivência incrível, pois participar do projeto permite o contato com a comunidade externa e, ao mesmo tempo, com outros estudantes que têm opiniões e visões diversas sobre os temas abordados.

Mesmo com todos os avanços e resultados positivos que temos visto, sabemos que o projeto enfrenta desafios. O maior deles, certamente, é ampliar a captação de

recursos e o estabelecimento de parcerias para manter e expandir as ações realizadas. É necessário, ainda, refinar nossa forma de comunicação para alcançar públicos mais diversificados. Outros pontos importantes são garantir que os espaços físicos e os recursos usados estejam sempre adequados para oferecer segurança às pessoas, aos acervos e ao edifício e fortalecer a participação da comunidade universitária e da comunidade externa localizada no entorno da universidade.

Em relação às perspectivas futuras, queremos que a Tulha, por meio da reserva técnica e do sítio arqueológico simulado, se torne lugar permanente de acolhimento, aprendizado e troca, e que as ações educativas se ampliem, sempre com a ideia de unir ensino, pesquisa e extensão, tornando a arqueologia mais aberta, participativa e próxima das pessoas. Ainda, queremos ser espaço de fortalecimento de museus e de memórias locais e regionais, colaborando no debate e na criação de museus tradicionais e museus comunitários, sobretudo, museus indígenas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto de extensão “Patrimônio em Diálogo” reafirma o compromisso da universidade com a democratização do conhecimento arqueológico e com o fortalecimento do vínculo entre ciência e sociedade. A partir de uma abordagem fundamentada na Arqueologia Pública e na Comunicação Museológica, a proposta vem se consolidando como um espaço de experimentação teórico-prática, no qual os discentes atuam como protagonistas na produção e difusão de saberes voltados à valorização do patrimônio.

As ações em desenvolvimento — como a criação de uma reserva técnica visitável e a proposta de um sítio arqueológico simulado — revelam o potencial do projeto para transformar espaços institucionais, antes restritos, em ambientes de diálogo, aprendizado e participação social. Dito de outra forma, destaca-se a ideia de transformar a Tulha e seu entorno em um espaço potente de acolhimento, conexão e interação entre as pessoas.

Ao ampliar o acesso da comunidade aos acervos e aos processos arqueológicos, o projeto não apenas ressignifica o patrimônio arqueológico e cultural, mas também contribui para a formação cidadã e crítica dos estudantes, alinhando-se aos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Portanto, o

projeto “Patrimônio em Diálogo” reforça a importância de práticas extensionistas que não apenas comuniquem o conhecimento científico, mas que também estimulem a escuta, o engajamento e a corresponsabilidade do público na construção dos sentidos do passado e na preservação do patrimônio arqueológico.

## AGRADECIMENTOS

A toda equipe do LAEE-UEM e aos participantes do projeto de extensão.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Aureli Alves de. **Paulo Duarte entre sítios e trincheiras em defesa da sua dama - a Pré-história**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.71.2008.tde-17032008-141515. Acesso em: 2025-09-04.

ALMANSA SÁNCHEZ, Jaime. Pre-editorial: Towards a Public Archaeology. **AP: Online Journal in Public Archaeology**, p. 1-3, 2010.

ALMANSA SÁNCHEZ, Jaime. Arqueología para todos los públicos. Hacia una definición de la Arqueología Pública <a la Española>. **ArqueoWeb**, 13, p. 87-107, 2011.

AMOEDO, Saladina Amorim; MACHADO, GISELE DA FONSECA; SOUZA, Lise Marcelino. “QUE SÍTIO É ESTE?”: ARQUEOLOGIA INTERATIVA COMO ESTRATÉGIA DE POPULARIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS NO INTERIOR DA BAHIA. In: **Anais do V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências. Anais...Maringá (PR) Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI)**, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/v-encontro-abcmc/1193217-QUE-SITIO-E-ESTE--ARQUEOLOGIA-INTERATIVA-COMO-ESTRATEGIA-DE-POPULARIZACAO-DAS-CIENCIAS-NO-INTERIOR-DA-BAHIA>. Acesso em: 08/10/2025

CURY, Marília Xavier. Os usos que o público faz do museu: a (re)significação da cultura material e do museu. **MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia**, v. 1, n. 1, p. 88-106, 2004.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica. Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária para quê?** Instituto Paulo Freire, 2017.

LEAL, Ana Paula da Rosa. **Arqueologia, Museologia e Conservação: Documentação e Gerenciamento da Coleção proveniente do Sítio Santa**

**Bárbara (Pelotas-RS)**. 2014. 120f. Dissertação – Programa de pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

LIMA, Leilane Patricia de. **A Arqueologia e os indígenas na escola: um estudo de público em Londrina-PR**. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.71.2014.tde-19012015-155303. Acesso em: 2025-09-04.

LUCIANO, Sônia R. **Balanço da Arqueologia de Contrato no Estado do Paraná (1991-2019)**. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021, 59p.

MEDEIROS, Márcia M. de. A extensão universitária no Brasil - um percurso histórico. **BARBAQUÁ**, 1(1), 9–16, 2017.

MOTA, Lúcio Tadeu. Laboratório de arqueologia, etnologia e etno-história da Universidade Estadual de Maringá. **Revista da Aduem**, Maringá, v. 1, n.1, p. 43-44, 1998. ISSN 1415-8485.

MOTA, Lúcio Tadeu. A história da implementação e desenvolvimento do Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações: Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história na Universidade Estadual de Maringá. In: Luiz Felipe Viel Moreira; José Henrique Rollo Gonçalves. (Org.). **Etnias, espaços e ideias: estudos multidisciplinares**. 1ed. Curitiba: Instituto Memória, 2009, v. 1, p. 245-263.

MOTA, Lúcio Tadeu; MACELLA, Marcio A. U.; GARCIA, Julia M. A inventariação de bens arqueológicos: experiência do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (LAEE-UEM). In: I Encontro Internacional de Estudos em Patrimônio Cultural, 2022, Passo Fundo. **Anais do I Encontro Internacional de Estudos de Patrimônio Cultural**. Passo Fundo: Programa de Pós-Graduação em História da UPF, 2022. v. 1. p. 270-298.

NOELLI, Francisco S.; SILVA, Fabíola A.; MOTA, Lúcio T. Laboratório de Arqueologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá. In: IX CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 2000, Rio de Janeiro. **Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira [CD ROM]**. Rio de Janeiro: SAB, 2000. v. 1.

OLIVEIRA, Mayara Manhães de; GRUZMAN, Carla. Refletindo sobre experiências de visita às reservas Técnicas de museus enquanto práticas educativas e Comunicativas voltadas a públicos não especializados. In: **ANPUH-BRASIL. 30º Simpósio Nacional de História**, Recife, 2019. Disponível em [https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2024-06/1718780400\\_36ce26fb5e34b99264951c17d2b35a86.pdf](https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2024-06/1718780400_36ce26fb5e34b99264951c17d2b35a86.pdf). Acesso em 08 de out. 2025.

PEREIRA, Daiane. Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do laboratório de arqueologia Peter Hilbert. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 11, n. 2[19], p. 66–82, 2017. DOI: 10.20396/rap.v11i2.8650061.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8650061>. Acesso em: 4 set. 2025.

SANTOS, André Luiz Campelo dos; MARANHÃO, Ana Paula Barradas; SULLASI, Henry Socrates Lavallo; RAMOS, Ana Catarina Peregrino Torres. NUVIS-UFPE: uma proposta inovadora de extroversão da reserva técnica associada ao laboratório LACOR-UFPE. **Revista de Arqueologia**, v. 33, n. 3, edição especial: Gestão de Acervos Arqueológicos, set./dez. 2020, p. 330-351.

VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett de; ALCÂNTARA, Tainã Moura. Com quantas caixas se faz uma reserva técnica? Um relato de experiência sobre a gestão dos acervos arqueológicos no MAE/UFBA. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 11, n. 2[19], p. 153–165, 2017. DOI: 10.20396/rap.v11i2.8650056. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8650056>. Acesso em: 4 set. 2025.

